



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

KELLY CRISTINA DA SILVA NASCIMENTO

**AUTISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS PROCESSOS DE INCLUSÃO
ESCOLAR**

Cajazeiras - PB
2022

KELLY CRISTINA DA SILVA NASCIMENTO

**AUTISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS PROCESSOS DE INCLUSÃO
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeira-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): José Rômulo Feitosa Nogueira

N244a Nascimento, Kelly Cristina da Silva
Autismo na educação básica e os processos de inclusão escolar /
Kelly Cristina da Silva Nascimento. - Cajazeiras, 2022.
41f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2022.

1. Educação inclusiva. 2. Autismo. 3. Educação básica. 4. Inclusão
Escolar. 5. Aluno com autismo. 6. Processo educacional. I. Nogueira, José
Rômulo Feitosa. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro
de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU – 376

KELLY CRISTINA DA SILVA NASCIMENTO

**AUTISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS PROCESSOS DE INCLUSÃO
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeira-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 25/08/2022

BANCA EXAMINADORA



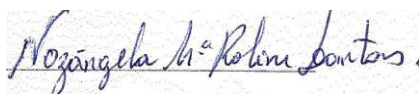
Orientador

Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira



Dra. Edinaura Almeida de Araújo

Examinadora 1



Examinadora 2

Dr.^a Maria Nozângela Rolim Dantas

Dedico este trabalho a minha família aos meus colegas de curso, que assim como eu encerram uma etapa da vida acadêmica. Dedico este trabalho a todo o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, corpo docente e discente, a quem fico lisonjeado por dele ter feito parte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar viver esse momento único em minha vida sempre me fortalecendo para seguir em frente. Gratidão a ti Senhor.

Agradeço ao meu bem mais precioso, minha família, aos meus pais Erinelson Felix e Maria Lucilene Valença, irmãs Luana da Silva, Maria Izabel da Silva, Mariana Valença, Eloisa Valença ao meu esposo Rafael Dantas e a minha enteada Rafaella Barbosa, por estarem sempre ao meu lado, me incentivando a nunca desistir minha caminhada e tornar esse sonho possível.

Aos meus amigos da faculdade que levarei por toda a vida, por cada aprendizado e pelo companheirismo durante essa trajetória, Cícera Amanda, Jordana Maciel, Romário Elias, Erlania Diniz, Maricelia Silva, Maria Elane e Maria Da Conceição Onorato.

Agradeço aos meus amigos que fizeram parte dessa conquista me apoiando e me motivando todas as vezes que pensei em desistir, para vocês: Damião Cardoso, Valéria Abreu, Larisse Batista. Sou grata por todos os momentos vivenciados juntos. Amo vocês.

Em especial agradeço ao meu orientador Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira pelas orientações por acreditar em mim e no meu potencial, por contribuir para que esse sonho se tornasse real principalmente por compartilhar tanto conhecimento, eu aprendi muito. Muito obrigada!

Agradeço as pessoas que fizeram parte desse trabalho sendo elas: as entrevistadas e a banca examinadora composta pelas professoras Edinaura Almeida de Araújo, Nozângela Maria Rolim Dantas e Viviane Guidotti Machado. Agradeço a todos por cada contribuição paciente e por não desistirem de mim. Todos vocês fazem parte dessa realização. Sou grata pela vida de cada um.

“A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças
e não com as igualdades”
(Freire, 1998. p. 108)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal identificar aspectos do processo educacional que contribuem para o acompanhamento do desenvolvimento e aprendizagem de alunos com TEA na educação básica. A partir desse objetivo foram delineados outros três que deram mais especificidade ao trabalho, sendo eles: Identificar quais métodos o professor utiliza para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem do aluno com autismo; Descrever os critérios de escolha pelos educadores das metodologias de ensino utilizadas para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos com autismo; Identificar as formas de como o autista pode ser avaliado por meio de suas habilidades. O referencial teórico está fundamentado em autores, tais como Montoan(1997), Glat e Nogueira(2022), Coêlho(2010), Chiot(2013) e Cunha(2015). Esta pesquisa é um estudo de campo de natureza qualitativa com análise simples do discurso. Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturadas com três professores de uma escola pública de Cajazeiras-PB. Com os relatos dos entrevistados da pesquisa, podemos perceber que as crianças são inseridas nas escolas para fazerem parte do processo de socialização, pois é notável que alguns professores não possuem conhecimento para trabalhar com os alunos autistas e que as atividades na maioria das vezes são planejadas e colocadas em prática da mesma forma dos alunos ditos normais. Conclui-se que é primordial conhecer a criança com autismo, para então desenvolver estratégias a partir de suas habilidades que possam contribuir com a aprendizagem, com o processo de socialização e de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Criança. Educação. Aprendizagem, Inclusão.

ABSTRACT

The current study has as main objective to identify aspects of the educational process that contribute to the monitoring of the development and learning of students with ASD in primary education. Based on this aim, three others were outlined that gave more specificity to the work, namely: Identify which methods the teacher uses to monitor the development and learning of students with autism; Describe the criteria for choosing the teaching methodologies used by educators to monitor the development and learning of students with autism; Identify the ways in which the autistic can be evaluated through their abilities. The theoretical framework is based on authors such as Montoan (1997), Glat and Nogueira (2002), Coêlho (2010), Chiot (2013) and Cunha (2015). This research is a qualitative field study with simple discourse analysis. For data collection, semi-structured interview scripts were used with three teachers from a public school in Cajazeiras-PB. With the reports of the research interviewees, we can see that children are included in schools to be part of the socialization process, as it is remarkable that some teachers do not have the knowledge to work with autistic students and that activities are most often planned and put into practice in the same way as the so-called normal students. It is concluded that it is essential to know the child with autism, to then develop strategies based on their skills that can contribute to learning, to the process of socialization and communication.

KEYWORDS: Autism. Child. Education. Learning, Inclusion

LISTA DE SIGLAS

TEA - Transtorno do Espectro Autista

TGD - Transtornos Globais do Desenvolvimento

AEE - Atendimento Educacional Especializado

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CONEP - Comissão Nacional De Ética Em Pesquisa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. REFERENCIAL TEORICO.....	13
2.1 CONCEITO E CARACTERIZAÇÃO DO AUTISMO.....	17
2.2 INCLUSÃO E APRENDIZAGENS DOS AUTISTAS.....	17
2.3 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS PROFESSORES NA INCLUSÃO ESCOLAR DOS AUTISTAS	20
3. METODOLOGIA.....	24
3.1 CARACTERIZAÇÕES DA PESQUISA.....	26
3.2 O LÓCUS DA PESQUISA E OS SUJEITOS PARTICIPANTES.....	26
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	27
3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	27
4. ANÁLISE DE DADOS.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
6. REFERENCIAS.....	34
7. APÊNDICES.....	37

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema autismo na educação básica e os processos de inclusão. Falar sobre este tema causa muitas discussões e está presente na literatura especializada. Mas mesmo assim ainda, há muito que se estudar sobre os métodos e atividades pedagógicas desenvolvidas com esse público. Existem muitas lacunas de conhecimento e novas formas de explicação sobre o envolvimento desses alunos em sala de aula no sentido de uma formação integral.

O trabalho tem como problema de pesquisa: quais características da metodologia educacional contribuem para acompanhar e avaliar o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos com autismo na educação básica?

E como objetivo geral: identificar aspectos do processo educacional que contribuem para o acompanhamento do desenvolvimento e aprendizagem de alunos com TEA na educação básica.

E os objetivos específicos são:

- Identificar quais métodos o professor utiliza para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem do aluno com autismo;
- Descrever os critérios de escolha pelos educadores das metodologias e recursos utilizados para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos com autismo;
- Identificar as formas de como o autista pode ser avaliado por meio de suas habilidades.

A Justificativa desse trabalho tem como base o papel fundamental da escola na elaboração de estratégias que desenvolvam a capacidade de interação dos educandos com TEA, nas atividades de leitura e escrita levando em consideração que os autistas aprendem de maneira particular e faz necessária a utilização de recursos de adaptação.

Inacreditável que em nossa atualidade ainda vejam o autismo como uma grande barreira de aprendizagem dos alunos autistas, surgido então o questionamento: será que os autistas podem se desenvolver como qualquer outra pessoa mesmo com suas limitações de cognição, motora e intelectual?

É necessário investigar como o educador percebe o desenvolvimento de seu aluno com autismo, visando propor, desde a elaboração de políticas públicas até a concretização de estratégias pedagógicas para o processo educacional.

A escola e seus professores precisam estar sempre se atualizando para que possa desenvolver estratégias e metodologias de ensino, que contemplem a percepção desses alunos a respeito da escola e sobre esse mesmo processo.

É indispensável que o professor esteja pesquisando, pois existem estudos que abordam direta ou indiretamente o desenvolvimento do aluno com autismo no ambiente escolar. Chiote (2013, p.21) diz que:

“Incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular, em uma sala regular; é necessário proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, construindo assim, o sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade”.

O trabalho com uma criança autista pode ser difícil, mas ou mesmo tempo gratificante, eles tem uma habilidade que muitos ditos “normais” não tem, eles tem suas especificidades, de acordo com alguns estudos os autistas desenham, cantam, dançam divinamente e podem participar e ser avaliados por igual.

Crianças com autismo desenvolvem talentos específicos em determinadas áreas do conhecimento e a escola precisa identificar essas habilidades e estimulá-las. Os professores necessitam estar qualificados para lidar com os alunos autistas, que muitas vezes estão inseridos em uma inclusão excludente, no ambiente escolar sem interação com os outros alunos ditos “normais”.

No decorrer do trabalho destaco no referencial teórico o conceito e as características do autismo, a aprendizagem dos autistas na educação básica e as dificuldades dos professores na inclusão escolar dos autistas.

Na metodologia descrevo qual a característica da pesquisa que é de natureza básica o lócus e os sujeitos participantes da mesma os instrumentos da coleta de dados que será a entrevista, destacando os procedimentos ético-estabelecidos, salientando também um orçamento dos gastos durante a pesquisa com um cronograma de atividades realizadas por etapas e os anexos dos documentos necessários para a realização da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITO E CARACTERIZAÇÃO DO AUTISMO

A origem da palavra autismo vem do grego (autós) que tem como significado, por si mesmo. É uma expressão usada pela psiquiatria, que nomeia o comportamento da criança que é concentrado em si próprio. Segundo Filho (2010) o primeiro a usar a palavra autismo foi o pesquisador Bleuler em 1911, que quer dizer a perda de contato com a realidade. O Autor ainda destaca que Leo Kanner foi um dos primeiros a estudar sobre autismo em 1943 escreveu um artigo onde falava sobre 11 crianças que apresentavam comportamentos diferentes das demais. Kanner inicialmente chamou de “Distúrbio autístico do contato afetivo”. Desde então surgiram outros pesquisadores que apresentaram vários estudos a partir da concepção de Kanner.

O autismo é um Déficit cognitivo e social, sendo considerado como um distúrbio do desenvolvimento (MONTANO, 1997, p.13).

O autismo é definido pela organização mundial de saúde como um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. Sua incidência é de cinco casos em cada 10.000 nascimentos, caso se adote um critério de classificação rigorosa é três vezes maior se considerar casos correlatados isto é necessitem do mesmo tipo de atendimento.

Complementando com os estudos de Filho (2010) ainda não há um conceito determinado em relação ao autismo, pois sempre esta se modificando, surgindo vários sintomas e dificuldades diferentes que prejudica de alguma forma mais ou menos cada criança, a interação social, comunicação e linguagem de cada sujeito, a criança autista pode ser afetada de varias formas umas mais leves e outras mais severas modificando seu comportamento passando às vezes a ser agressivos. “O espectro Autista é um contínuo, não uma categoria única, e apresenta-se em diferentes graus” FILHO (2010 p.17)

Montoan (1997) complementa que o autismo ou também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tipo de Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), pois apresentam características que são apresentadas pelo individuo que é considerado um autista, através das relações sociais a comunicação e linguagem verbal. Corroborando segundo Filho e Cunha (2010, p. 08):

Os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) representam uma categoria na qual estão agrupados transtornos que têm em comum as funções do desenvolvimento afetadas. Entretanto, este

conceito é recente e se pode ser proposto devido aos avanços metodológicos dos estudos e à superação dos primeiros modelos explicativos sobre o autismo.

E conforme Orrú (2012) uma questão que afeta os autistas, é a falta linguagem, ele menciona que é por meio da linguagem que o indivíduo realiza sua interação social e cultural, avançando em seu desenvolvimento social e definindo sua própria identidade. O autor complementa que é na linguagem que a pessoa com autismo tem maior dificuldade, pois na maioria das crianças com TEA não conseguem desenvolver a comunicação oral, em sua maioria desenvolvem a comunicação não verbal.

Segundo Peeters (1998), a criança com autismo pode apresentar vários sintomas e dificuldades consideradas anormais ou alteradas em sua interação algumas dessas dificuldades podem ser observadas desde três anos de idade, as crianças autistas não se comunicam, não tem contato visual e físico, dificultando o desenvolvimento de algumas habilidades, já outras crianças com autismo leve conseguem desenvolver a comunicação verbal mesmo em que em sua maioria seja por repetição conhecida com ecolalia.

A ecolalia somente poderá ser considerada como uma característica de autismo quando presente ao lado de uma idade mental superior a trinta e seis meses. Para criança com autismo e idade mental de cinco anos, ser ecolálico não pode ser considerado normal. E sim como um déficit qualitativo. (PEETERS, 1988, p.40).

Nesta perspectiva o autor destaca que a ecolalia é a repetição em eco da fala, repetição de sílabas, palavras ou frases já ouvidas, o autismo é a principal síndrome que causa ecolalia, os autistas tem essa característica de repetir o que ouve sem dar sentido, outras características é o isolamento, resistência ao toque, ao som, ao olhar no olho, dificultando seu aprendizado.

Oliveira e Chiote (2013) complementa que outras crianças autistas que são estimuladas desenvolvem muito bem habilidades que talvez uma criança dita “normal” não desenvolva tais como desenhar e cantar, o diagnostico precoce contribui para que essa criança possa se desenvolver de forma mais positiva em relação à comunicação e interações com outras atividades.

[...] o desenvolvimento cultural da criança com autismo só é possível se ela tiver acesso aos bens culturais, aos espaços tipicamente

infantis em que possa se relacionar com outras crianças, como a escola regular. O diagnóstico das crianças, por vezes isola a criança em tratamentos e intervenções individualizadas que limitam seu desenvolvimento cultural, com treinos de ação que visam reduzir os comportamentos considerados inadequados, restringindo o papel do outro e da linguagem. (OLIVEIRA; CHIOTE, 2013, p. 196)

Os autores destacam, para que seja possível uma criança com autismo desenvolver-se é necessário que tenha acesso aos bens educacionais infantis para que possa se relacionar com outras crianças a escola é um lugar muito importante para que possa existir uma mediação desses bens culturais Quando diagnosticadas as crianças com autismo entram em um isolamento, onde dificulta seu desenvolvimento, individualizando seus conhecimentos reduzindo sua socialização para com as outras crianças.

Os professores que trabalham com as idades iniciais da escolarização acumulam farta experiência como testemunhas de diferentes graus de reação das crianças aos primeiros dias na escola e à primeira separação da família para um meio social mais amplo. Algumas conseguem rapidamente se adaptar às novas vivências, enquanto outras levam muitos dias nessa empreitada, absorvendo toda a atenção dos professores em atitudes de choro contínuo, apego à mãe na entrada da escola, sem deixarmos de poder mencionar o apego de mães aos seus filhos e a grande insegurança de algumas ao deixá-los na escola. (FILHO, 2010, p. 22)

O autor ainda destaca que o apego familiar pode ser muito complicado no ingresso da criança na escola, a mudança de rotina pode ser estressante para a criança, pois a mesma sente confiança e segurança em seu meio familiar dificultando seu desenvolvimento social. Em outros casos são as mães que se sentem inseguras em deixar seus filhos por serem muito protetoras e acreditarem que seus filhos iram passar por alguma dificuldade.

Gauderer (1985) aponta que a relação entre pais e professores precisa ser efetiva para que possa acontecer um trabalho com objetivo de tirar as dúvidas sobre o ingresso dos filhos na escola explicando os benefícios não só para as crianças, mas também para sua família com o intuito de socializar a criança autista com os professores e as demais crianças.

Filho (2010) complementa dizendo que é fundamental que nos primeiros dias da criança na escola, é importante mostrar o ambiente escolar para que a criança possa se sentir pertencente aquele ambiente, mas tento o cuidado de não tirar a

naturalidade e função da escola, é importante que nesse momento de acolhimento não aconteça experiências não pertencentes a sua rotina escolar, pois a criança autista apega-se muito as rotinas, e rotinas inadequadas no ambiente escolar poderá prejudicar causando mais dificuldades para os educadores e para as crianças.

2.2 INCLUSÃO E APRENDIZAGENS DOS AUTISTAS

A inclusão deve estar presente no dia a dia de toda criança, pois com ela a criança se sente acolhida e segura em qualquer lugar que for e na escola não seria diferente, a educação inclusiva deve ser de qualidade, as escolas precisam estar preparadas para poder receber essas crianças com necessidades especiais. A educação inclusiva deve ser para todos, não só para mostrar quantidade mais sim qualidade proporcionando para os alunos conhecimento e integração social.

Mantoan (2003) destaca que em nossa antiguidade as crianças com deficiência eram excluídas de suas próprias famílias, pois tinham vergonha de expor seus filhos considerados “anormais” para a sociedade e de um tempo para cá essas crianças foram ganhando visibilidade e direitos de participar igual a qualquer outra pessoa. E para Coelho (2010, p. 56) “inclusão seja compreendida como um complexo e contínuo processo em que novas necessidades e mudanças são exigidas”, ou seja, com o decorrer dos tempos essas crianças com deficiência foram se destacando ganhando seus direitos de estarem presentes na sociedade.

Mantoan (2003, p. 12) mostra que “As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos”.

Segundo Santos, Mantoan e Figueiredo (2009, p. 22) “O primeiro passo a se dar para entender a inclusão não é saber as causas e diagnósticos, da suposta deficiência do aluno. Antes das dificuldades, vem o indivíduo, a criança, com suas vivências, sua individualidade, seus desejos e diferenças”.

Montoan (2003) complementa que, a inclusão deve está presente em todos os lugares principalmente na escola onde as crianças com autismo ou qualquer outra deficiência tem o direito de estarem inseridos, pois todos tem direito a educação de qualidade.

De acordo com a observação de Filho (2010), o primeiro ingresso na escola é muito difícil, pois os impactos que os profissionais da educação que atuam na escola e as crianças sofrem, visto que as dificuldades são grandes quando se deparam com as reações e mudanças mediante as alterações em sua rotina, pois ambos estão vivenciando uma experiência nova, então é comum que essas crianças apresentem manifestações e resistência em aceitar mudanças.

Filho (2010), ainda destaca que essas reações podem ser crises de choro, movimentos corporais repetitivos, indiferença em relação aos apelos e tentativas de ajuda, apegam-se a determinados locais e objetos da escola, recusa em deslocar-se conforme orientado e em outros casos mais graves como agressividade com outras pessoas e até consigo mesma. Logo para que haja inclusão é necessário que a escola esteja preparada para receber esses alunos com necessidades especiais, pois cada criança necessita receber atendimento qualificado de acordo com suas especificidades e todas as crianças com alguma necessidade especial é assegurada pela lei nesses direitos.

Conforme a Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012, intitulada, Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, em seu 3º artigo, dar o direito a pessoa autista o acesso à educação e ao ensino profissionalizante, portanto, não é permitido que crianças e jovens com deficiência e em idade escolar sejam excluídos do ensino regular, nesta mesma lei em seu o 7º artigo destaca que o gestor ou escola que recusar a matrícula de alunos com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários- 23 mínimos. (BRASIL, 2012), o que implica obrigatoriamente a escola receber esses alunos.

De acordo com a LDB nº9394/96 em seu artigo 58 Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Ainda evidenciando as leis que garantem direitos para as crianças com autismo destaco que na Lei nº 13.146/2015- Lei Brasileira de Inclusão (LBI) descreve que as crianças com necessidades especiais, necessitam de um profissional de apoio na escola que recebem nomenclaturas diferentes tais como mediador, auxiliar, acompanhante, cuidador para ajudar a desenvolver algumas

atividades na escola, e proíbe as escolas particulares cobrarem a mais por esse serviço.

Chiote (2015, p.21) nos traz que:

Quando se fala de incluir a criança com autismo vai muito além de inseri-la em uma escola regular, é necessário garantir a essa criança uma aprendizagem significativa priorizando suas habilidades formando um sujeito que aprende, pensa e se sente pertencente de um grupo social.

Para Filho (2010) os alunos com transtornos deverão frequentar o AEE quando forem identificadas as necessidades educacionais específicas que demandem a ofertar desse atendimento, beneficiando-se das atividades e dos recursos pedagógicos e de acessibilidade, disponibilizadas nas salas de recursos multifuncionais. Infelizmente nem toda escola tem esses recursos para trabalhar com as crianças com dificuldades especiais dificultando o desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança.

Mantoan (2003) enfatiza que a inclusão ainda é um grande desafio para algumas instituições, professores com grandes dificuldades de se relacionar com esses alunos com necessidades especiais, na adaptação de atividades e na inclusão desse aluno com as outras crianças.

Para Moriña (2010.p.17):

A inclusão pode ser definida como um modelo de educação que propõe escolas onde todos possam participar e sejam recebidos como membros valiosos delas. Trata-se de uma filosofia e prática educativa que pretende melhorar a aprendizagem e participação ativa de todo o alunado em um contexto educativo comum.

Quanto à inclusão na escola, podemos citar Lopes (2011, p.16), complementa que, “Educadores, orientadores, supervisores, gestão escolar, demais funcionários, famílias e alunos precisam estar conscientes dessa singularidade de todos os estudantes e suas demandas específicas”.

Nesse sentido, a educação inclusiva é para ser mediada para toda comunidade escolar, gestores, professores, alunos e funcionários para que possa existir uma igualdade e para que todos possam conhecer o que é inclusão não de forma específica de incluir uma criança especial, mas sim uma inclusão em geral sem preconceito. Peeters (1998) destaca que os alunos autistas necessitam da

contribuição dos professores para seu aprendizado e desenvolver algumas habilidades e observar a execução de algumas atividades que estão sendo realizadas de forma inadequadas mesmo que muitas vezes seja necessário segurar a mão da criança e realizar junto dela, devido as suas particularidades e falta de interação social é difícil à comunicação prejudicando seu desenvolvimento.

Os alunos autistas têm alguns hábitos que precisam ser respeitados como manter os objetos organizados no mesmo lugar, seguir sempre a mesma rotina, muitos não gostam de contato visual e físico e não se reconhecem pelo seu próprio nome dificultando seu aprendizado.

Sobre a escola, Mantoan (2003, p. 12) destaca que:

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma a instruir os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens de nossos valores e sentimentos.

A autora complementa que é necessário que o professor saiba lidar com seu aluno autista com afeto e cuidado estimulando suas interações e identificando qual é a melhor forma de interagir com ele, pois na sala de aula existem muitas diferenças sociais, e essa interação é fundamental para o surgimento de novos conhecimentos através das vivências do professor e do aluno.

Então deve existir uma preparação dos profissionais de educação e do ambiente na recepção dessa criança autista na educação infantil a sala deve estar organizada para facilitar que o professor possa reconhecer quais são as suas dificuldades e o nível de aprendizagem.

Coelho (2010, p. 56), evidencia que “Inclusão seja compreendida como um complexo e contínuo processo em que novas necessidades e mudanças são exigidas”. Crianças autistas com boa interação conseguem desenvolver algumas habilidades como dançar, cantar, desenhar e para alguns jogos, desde que essas habilidades sejam identificadas e estimuladas pela escola de forma contínua e inteligente.

2.3 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS PROFESSORES NA INCLUSÃO ESCOLAR DOS AUTISTAS

Pensando na inclusão escolar Filho (2010), afirma que o professor e a escola são peças fundamentais no desenvolvimento dessas crianças com dificuldades especiais, pois é a figura externa do seu convívio familiar onde irá desenvolver capacidades e construir valores culturais para toda sua vida. Mas para que haja essa colaboração do professor o sistema educacional também precisa estar dando subsídio a esse professor com uma formação qualificada continuada.

De acordo com Glat e Nogueira (2002), a educação é um direito de todos independentemente de suas dificuldades e especificidades, mas não só para os alunos e também para os professores que precisam estar atualizados não somente para a sala regular com os alunos ditos “normais”, mas também para os alunos com alguma dificuldade de aprendizagem, pois os professores necessitam analisar e conduzir da melhor forma o desenvolvimento de escolarização.

Se a pretensão é “garantir educação para todos independentes de suas especificidades”, deve-se assegurar a oferta que possibilite aos professores analisar, acompanhar e contribuir para o aprimoramento dos processos regulares de escolarização, no sentido de que possam dar conta das mais diversas diferenças existentes entre seus alunos. (GLAT; NOGUEIRA, 2002, p.25)

Para Glat e Nogueira (2002), trabalhar com criança autista já não é fácil imagina sem recursos para a prática de atividades, recursos esses que são de extrema importância para que o professor possa estar instigando seu aluno a desenvolver a cognição e sua interação social. Os professores podem se deparar com algumas dificuldades em relação à linguagem do aluno, humor, agressividade, e a compreensão da criança.

De acordo o Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil os materiais didáticos precisam estar adaptados para essas crianças. (BRASIL, 2012.)

Conforme as Diretrizes (2012, p. 10), “[...] identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas”. Ou seja, o professor necessita estar sempre se atualizando para poder trabalhar com os alunos autistas e saber planejar as atividades e saber lidar com algumas situações tais

como agressividade, convulsão, estresse e inquietação, o ambiente escolar também precisa estar adequado para essas crianças.

A política pública para a inclusão devem ser concretizada na formação de programas de capacitação e acompanhamento continua que orientam o trabalho docente na perspectiva da diminuição gradativa da exclusão escolar, o que visa beneficiar não apenas os alunos com necessidades especiais, mais, de uma forma geral, a educação escolar como um todo (GLAT & NOGUEIRA, 2002, p. 27).

De acordo com as autoras os profissionais de educação necessitam estar bem qualificados de forma contínua para que possam beneficiar não só ao seu aluno mais também a si próprio.

Para Santos (2008), os alunos com autismo geralmente se desenvolvem em um ritmo mais lento dificultando sua interação com as outras crianças nessa perspectiva o professor precisa se adaptar e respeitar o modo de vida da criança para que possa contribuir na formação e desenvolvimento de acordo com sua idade e nível comportamental, tendo o maior cuidado atenção.

De acordo com Santos (2008), o nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista é geralmente lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno, se responsabilizando pela a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas.

Santos (2008), ainda destaca que é de extrema importância que o professor conheça seu aluno em que nível de aprendizagem ele esta qual o grau do seu transtorno para que possa estabelecer uma dinâmica de interação com os demais grupos de alunos, o professor precisa da colaboração de todos envolvidos na escola para conhecer as características do autismo para que possibilite um melhor tratamento na escola de forma respeitosa.

Desta forma, os professores devem ser conhecedores do que é autismo e dominar as práticas para que se obtenham bons resultados na aprendizagem do aluno autista. O professor através desse conhecimento torna o ambiente de sala inclusivo para que as demais crianças também tenham o conhecimento das diferenças e que possam respeitar uns aos outros.

Para que esses professores possam atuar na sala do AEE é necessário formação específica para desenvolver atividades neste espaço educacional como afirma Ropoli (2010, p. 30).

Para atuar no AEE, os professores devem ter formação específica para este exercício o, que atenda aos objetivos da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Nos cursos de formação continuada, de aperfeiçoamento ou de especialização, indicados para essa formação, os professores atualizarão e ampliarão seus conhecimentos em conteúdo específicos de AEE, para melhor atender a seus alunos.

Quando se fala do acompanhamento na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), Baldin e Vieira (2017) afirmam que os papéis dos professores da sala regular e da sala de AEE são diferentes, os da sala regular tem a competência de ensinar os conteúdos específicos e regulares, já os professores do AEE realizam atividades complementares tais como a construção de autonomia para lidar com as atividades regulares, nessa perspectiva é interessante que haja uma articulação dessas atividades pelos professores de ambas as salas.

Os professores do AEE poderão contribuir na orientação dos profissionais da sala regular na elaboração das estratégias no cotidiano escolar, na elaboração de recursos e na organização da rotina, de acordo com as peculiaridades de cada aluno e de cada escola. (FILHO, 2010, p. 38).

Essa interação é fundamental para o desenvolvimento das crianças autistas na construção de identidade, de sua autonomia, de independência e reconhecimento de si. Além da dificuldade e adequar as atividades para os alunos autistas é necessário destacar a dificuldade dos professores da sala regular é de como avaliar o aluno autista.

Em termos de práticas avaliativas, pretendo dizer que tudo o que se baseia no coletivo, na turma inteira, do que só vale, “se vale para todos”, deixa muitos alunos no anonimato: os objetivos que a maioria alcança, a tarefa que a maioria faz, o interesse que grande parte demonstra, o livro que quase todos leram. Ao contrário, o caminho da aprendizagem deveria ser sempre considerado único, singular, como a vida de cada um. É preciso fazer o exercício de “aprender a olhar” aluno por aluno, conhecendo seu espaço de vida, suas iniciativas, seu fazer de novo, seus afetos e desafetos, dissonâncias, o inusitado tantas vezes. (HOFFMANN, 2011, p.15)

É importante que haja uma comunicação entre os professores da sala regular e sala do AEE trocando informações como relatórios sobre esse aluno para que possa haver a avaliação do aluno autista. Conforme Cunha:

[...] no contexto do autismo, a qualidade do trabalho em sala de aula iniciar-se-á pela descoberta do aluno: o que ele faz, deseja e como ele aprende. Portanto, haverá momentos em que a melhor coisa que o professor poderá fazer será observar seu aluno, atentar para as suas ações. (CUNHA, 2015, p. 54).

Também pode acontecer a avaliação através de atividades em grupo como brincadeiras elaboradas sobre o assunto estudado, isso irá contribuir na inclusão no desenvolvimento e interação do aluno autista.

3. METODOLOGIA

Deslandes (1994, p.42) destaca que a metodologia “[...] é uma parte complexa e deve requerer maior cuidado do pesquisador. Mas que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados [...]”. Assim, a metodologia se torna parte essencial para a construção do trabalho de pesquisa, pois é nela que o pesquisador define os métodos a serem utilizados na investigação.

A pesquisa foi trilhada numa abordagem qualitativa. De acordo com Lüdke e André (1986, p.13).

A pesquisa qualitativa ou naturalística [...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Esta pesquisa é caracterizada também como uma pesquisa básica que tem por finalidade “O avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos” Appolinário, (2011, p. 146).

Os sujeitos da pesquisa foram três docentes do ensino fundamental II, de uma escola estadual de Cajazeiras-PB. Os critérios para escolha dos sujeitos foram: que os docentes atuassem em sala de aula no ensino fundamental II, que

desempenhassem atividades com alunos autistas e que tivessem disponibilidade para participar da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada entre os dias 06 a 10 de junho de 2022, em horário previamente agendado com cada um dos sujeitos, através de uma entrevista, contendo oito perguntas, as quais foram elaboradas de forma clara e direta para facilitar a compreensão dos sujeitos. De acordo com Severino (2016, p.134).

[...] As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas.

Foram observadas, também, na elaboração da entrevista, as regras indicadas por Gil (2002, p. 116), dentre elas:

[...] não devem ser incluídas perguntas cujas respostas possam ser obtidas de forma mais precisa por outros procedimentos; devem ser evitadas perguntas que penetrem na intimidade das pessoas; convém evitar as perguntas que provoquem respostas defensivas, estereotipadas ou socialmente indesejáveis, que acabam por encobrir sua real percepção acerca do fato; o questionário deve ser iniciado com as perguntas mais simples e finalizado com as mais complexas; [...]

Ao abordar os docentes, foi explicado o objetivo da pesquisa. Em seguida foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias, contendo as principais informações do trabalho. Após ser lido e assinado, uma das vias ficou com cada sujeito e a outra foi entregue à pesquisadora responsável. As entrevistas ocorreram de forma presencial, com duração aproximada de quarenta minutos.

A análise dos dados foi feita por meio de uma organização e interpretação dos dados coletados, usando como técnica a Análise de Conteúdo. Silva e Fossá (2013, p.14) explicam que se trata de uma técnica que percorre entre dois extremos a exatidão da objetividade e produtividade da subjetividade. Segundo Morais (1999, p.32), por sua vez, assegura que a Análise de Conteúdo permite descrever e interpretar dados e analisá-los sistematicamente, reinterpretando as mensagens neles contidos e compreender seus significados além daquilo que está aparente.

As respostas obtidas foram dialogadas com as ideias dos autores que fundamentaram o trabalho. “Na análise, o pesquisador [...] procura estabelecer as

relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise”. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.168). Na sequência deste relatório encontram-se os resultados e as inferências realizadas.

3.1 CARACTERIZAÇÕES DA PESQUISA

Esta pesquisa é caracterizada como uma pesquisa básica que de acordo com Appolinário (2011) tem por finalidade “O avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos”. (APPOLINÁRIO, 2011, p. 146),

Composta por uma abordagem qualitativa que permite compreender a complexidade e os detalhes das informações obtidas, segundo Lüdke e André (1986. p. 11-13) “Pesquisa qualitativa tem como fonte direta a coletas de dados e seu pesquisador é seu principal instrumento”, e a preocupação maior é com o processo do que com o produto.

A pesquisa é de cunho descritivo que segundo Severino (2016) apresentará as características do estudo permitindo um entendimento sobre o assunto já existente, procurando mostrar as dificuldades que alguns professores têm em realizar atividades e incluir os alunos autistas.

Será uma pesquisa de campo que segundo Severino (2016) é marcado pela observação, coleta de dados e análise das informações coletadas no ambiente pesquisado sobre a interação professor aluno na escola.

3.2 O LÓCUS DA PESQUISA E OS SUJEITOS PARTICIPANTES

A seguinte pesquisa discorre sobre o autismo e os processos de desenvolvimento das crianças autistas na escola, o trabalho e fundamentado por meio de estudo de campo, ou seja, fazendo-se necessário o contato direto com os sujeitos e suas vivências diárias.

O público alvo entrevistado serão três professores do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Moisés Coêlho da cidade de Cajazeiras-PB, onde pude destacar algumas dúvidas dos mesmos sobre o tema autismo e dificuldades para lidar com o aluno autista.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O principal instrumento da pesquisa foi uma entrevista que de acordo com Severino (2016) utilizando-se de coleta de dados e informações sobre o entendimento de cada professor sobre a temática da pesquisa.

De acordo com Ludke e Andre (1986) a entrevista é uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais, o método de entrevista é muito importante, pois estabelece uma relação e interação entre o pesquisador e os pesquisados.

Após a coleta de dados aconteceu à análise dos dados obtidos durante o estudo de campo, fazendo a ligação com as fundamentações bibliográficas ao tema referido, sobre o autismo, interferindo de forma significativa e positiva na vida pessoal, social e escolar dos alunos, professores e todos aqueles que são de qualquer forma afetados.

3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

De acordo com a Resolução n. 510/2016 os participantes antes da entrevista receberão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) contendo todas as informações e etapas a serem necessariamente observadas para que o convidado a participar da pesquisa possa se manifestar, de forma autônoma consciente, livre e esclarecida, com sigilo de sua identificação, o termo precisará ser de linguagem acessível à compreensão do participante da pesquisa.

Para concretização da pesquisa irá ser feita muitas leituras e levantamento das informações que irão contribuir na compreensão da temática, na entrevista os professores irão responder questões sobre se em sua graduação teve formação sobre autismo e como lidam com esses alunos e entre outras questões que contribuíram para a formação do presente assunto.

Composto também pelo termo de anuência que será encaminhado ao responsável pelo local da pesquisa, ou seja, o diretor da instituição, para que esse trabalho possa acontecer dentro do ambiente escolar da determinada instituição de ensino. Faz-se necessário esse termo assinado, carimbado contento as informações do responsável como o nome e a função, e ainda o carimbo da escola, como também seguindo os princípios e normas estabelecidas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

4. ANALISE DE DADOS

Durante a pesquisa e com os estudos podemos destacar que a inclusão é fundamental para integrar crianças autistas na escola para que possam se desenvolver e se socializar com o meio onde estão inseridos. De acordo com Coelho (2010, p. 56) a inclusão deve ser compreendida como um processo contínuo, onde as crianças ganham destaque na sociedade.

Os entrevistados foram denominados com nomes de flores para que suas identidades fiquem preservadas. Foi perguntado aos entrevistados o que entendem sobre inclusão, a primeira professora Flor (2022) destaca que: “Inclusão é incluir, aceitar, apoiar a educação para todos os alunos no convívio de uma sociedade igualitária, sem distinção e separação, respeitando as diferenças entre indivíduos”. A segunda professora Margarida (2022) afirma que: “A inclusão é parcial em sala de aula até porque nós sabemos que dentro de sala de aula eles estão ali para poder surgir com o papel de inclusão que na questão de socializar com os demais estabelecer uma afetividade além daquilo que eles têm a afetividade com a família então a inclusão começa dentro da sala de aula a partir da afetividade para trabalhar em comunhão em comunidade com os demais, a inclusão dos alunos autistas começa no meio de sociedade família”. Já a professora Rosa destaca que:

“Inclusão vai muito além do acolher, do estar presente para o indivíduo, seja no âmbito social, escolar, familiar, vai também de reconhecer as habilidades e desenvolvimentos de cada um, para o autista não é diferente temos que saber reconhecer as melhores ferramentas para ajudar e trabalhar com eles”. (ROSA, 2022)

Com as repostas das professoras Flor e Margarida observamos que eles apontam um breve conceito sobre o que elas entendem por inclusão já a professoras Rosa descreve o assunto de forma mais completa envolvendo todos os fatores que fazem parte do processo de inclusão.

Portanto a inclusão consiste em adequar os sistemas sociais gerais da sociedade de tal modo que sejam eliminados os fatores que excluam certas pessoas do seu seio e mantinham afastadas aquelas que foram excluídas. A eliminação de tais fatores deve ser um processo contínuo e concomitante com o esforço que a sociedade deve empreender no sentido de acolher todas as pessoas, independentemente de suas diferenças individuais e de suas origens

na diversidade humana. Pois para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada a partir do entendimento de que ela é quem precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros. (SASSAKI, 2005, p. 21).

Continuando com a entrevista foi perguntado às professoras se elas têm ou já tiveram alunos com autismo, Flor (2022) apenas respondeu que sim, ao realizar a mesma pergunta à professora Rosa (2022) ela também responde apenas que sim, já a professora Margarida (2022) afirma que, “Sim, inclusive ele fazia as provas obtinha notas boas de acordo com suas limitações tínhamos boa comunicação, pois como já o conhecia se tornava um pouco mais fácil trabalhar com ele”. Como podemos observar a professora Margarida se expressou de forma mais segura destacando a importância da convivência e afinidade com seu aluno autista.

Quando pensamos em lidar com crianças autistas ou com qualquer necessidade especial é necessário elaborar recursos didáticos baseado nas necessidades e habilidades do aluno autista para que ele possa participar de forma efetiva em sala de aula. Conforme as Diretrizes (2012, p.10), “reconhecer, preparar e organizar recursos pedagógicos e acessíveis que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas”.

Retomando a entrevista foi perguntado para os professores quais métodos eles possuem para trabalhar com os alunos autistas, Flor (2022) respondeu que “trabalho com vários métodos e recursos: fotografias, desenhos, letras, diálogos, jogos, computadores, atividades em grupo e individual entre outras”. A professora Rosa (2022) destaca que “Infelizmente quando se trata de educação inclusiva a educação peca muito, pois é quase impossível darmos a esses alunos a educação necessária, mas utilizo de linguagem e atividades adequadas para compreensão deles”. O mesmo questionamento foi feito para a professora Margarida (2022), onde ela responde: “Fiz curso fiz uma pós, só que a faculdade não nos prepara para isso o que nos prepara é a vivência, quando cheguei à escola era muita teoria muitos estudos, mas sabemos que somos diferentes e para cada um tem maneiras diferentes de lhe dar”, a professora aborda que apenas as teorias colocadas em prática não funcionam, pois cada aluno tem sua particularidade e maneira de aprender.

Ao analisar as falas das professoras podemos observar vários pontos de vista diferentes de executar as atividades utilizadas por elas, é interessante destacar a

fala da professora Flor, pois ela foi mais sensível em explicar os recursos que utiliza de acordo com suas possibilidades trazendo o aluno com TEA para junto dos outros alunos.

[...] O professor pode fazer uso de métodos visuais devido ao fato de algumas crianças com TEA terem uma maior dificuldade com relação à abstração. Mas muitas quando estimuladas de uma forma correta conseguem realizar suas lições, o docente precisa estar atento à questão da estimulação auditiva, e entender que em algumas atividades as crianças podem não saber o que fazer ou continuar ativamente com os mesmos porque o exame é uma das melhores formas de aprendizagem. (SILVA E BALBINO,2015, p.02)

Podemos perceber que a qualificação dos professores para desenvolver atividades com as crianças autistas é fundamental para inserir esse aluno na sociedade o incluindo e proporcionando melhor aprendizado.

Seguindo com a entrevista perguntamos para as professoras se elas se sentiam preparadas para trabalhar com os alunos autistas, Flor (2022) responde apenas que “sim” sem justificar sua resposta, a professora Rosa (2022) responde que “Infelizmente não, acho que ainda há muito a ser trabalhado com o grupo docente”.

Considerando a complexidade da Educação Inclusiva e a necessidade de atendimento à diversidade escolar, fazer necessário rever o processo de formação inicial dos professores para que se possa ampliar as discussões nessa área de atuação, e para que os profissionais sejam mais preparados para atuar no contexto da pluralidade e diversidade escolar, bem como investir em um processo de formação permanente. (SILVA E MARTINS, 2012, p. 142).

A professora Margarida respondeu que:

“Eu não digo preparada, mas sim me sinto habilitada, eu não sou cem por cento preparada, para trabalhar com as crianças autistas, pois de autista para autista existem mudanças. Preparada nem eu e nem ninguém, pois preparados vamos ficando no decorrer do ano letivo por que todos os dia é uma batalha lidar com esse tipo de aluno”.(MARGARIDA, 2022)

Posto isto conseguimos destacar que com a fala das professoras Rosa e Margarida está claro que é necessária a formação continua e aperfeiçoamento de

professores para receber e lidar com os alunos autistas para que eles possam se sentir acolhidos na escola. Pois a escola é um dos elementos essenciais para a inclusão, não permitindo que aconteça a exclusão e preconceito com qualquer aluno seja por sua necessidade especial, cor ou cultura. (BRASIL, 1988)

Por fim foi perguntado aos entrevistados como ocorre à avaliação do aluno autista a professora Flor (2022) responder que: “A avaliação ocorre com os próprios avanços e nunca mediante critérios comparativos, eles fazem as atividades propostas aos restantes da turma com as devidas adaptações e são avaliados de acordo com os as próprias possibilidades, alguns não são alfabetizados, mas avançam na oralidade no desenho, na expressão gestual e são avaliados nesse quesito”. A professora Margarida (2022) diz que:

“Avaliação é feita em conjunto, nos professores não podemos nem devemos estar com nossa atenção voltada totalmente para esse tipo de aluno ate por que temos ele e mais vinte, então a avaliação é mais dita pelo pessoal do AEE, temos sempre uma troca vendo o desenvolvimento entrando em acordo para avaliar esse aluno”.

Rosa (2022) responde que: “As professoras titulares do AEE avaliam e os professores da sala regular também, entrando em consenso”. Podemos observar que as professoras Flor e Margarida em suas respostas afirmam que as professoras da sala do AEE contribuem na hora da avaliação.

Portanto conclui-se que é fundamental esse dialogo dos professores tanto da sala regular como da sala do AEE para desenvolver, incluir e avaliar o aluno com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta parte da pesquisa é que nos faz refletir sobre o que foi estudado no decorrer de todo o trabalho, com as entrevistas podemos ter uma noção mais aprofundada de como ocorre à inclusão do autista e suas vivências na prática.

Por meio da análise das entrevistas pode se dizer que os objetivos foram alcançados uma vez que teve como objetivo geral: identificar aspectos do processo educacional que contribuem para o acompanhamento do desenvolvimento e aprendizagem de alunos com TEA na educação básica. O objetivo geral foi traçado a partir dos objetivos específicos que são: Identificar quais métodos o professor utiliza para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem do aluno com autismo; Descrever os critérios de escolha pelos educadores das metodologias e recursos utilizados para acompanhar o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos com autismo; Identificar as formas de como o autista pode ser avaliado por meio de suas habilidades.

Com as análises podemos constatar que as leis estão vigentes para que a inclusão aconteça com qualidade para todos, a formação qualificada para capacitar os professores ainda deixa a desejar, pois nem todos são qualificados e preparados para trabalhar com os alunos especiais, o que pode ser observado que nas falas dos professores eles acabam aprendendo com o aluno no dia a dia de suas vivências.

Essas vivências que vão muito além do apenas incluir a criança no ato da matrícula, tais como ser recepcionada com um bom dia desde a entrada até as salas de aulas para que a criança se sinta segura e acolhida no ambiente escolar, na organização do espaço na qualificação dos professores e demais funcionários para que possam colocar em praticas atividades que consigam envolver todos.

Mas para que a inclusão aconteça de fato às escolas precisam estar com seu ambiente acessível para receber os alunos com necessidades especiais, que os professores saibam identificar as limitações e habilidades de cada aluno para que possam desenvolver estratégias para as crianças com TEA para que eles sejam capazes de se desenvolver em sala de aula se socializar e ser incluído nas atividades avaliativas com os demais da turma.

Portanto posso destacar que e a criança com TEA é capaz de se desenvolver e aprender e que é possível que os professores possam realizar atividades com eles de acordo com suas limitações com a adequação necessárias das atividades,

mesmo sabendo que os desafios sempre existiram juntos serão capazes de contribuir na construção do respeito diminuindo o preconceito e a desigualdade permitindo que a aprendizagem seja efetiva.

REFERÊNCIAS

- BALDIN, Sandra Rosa; VIEIRA, Neuza Maria. **Direitos Educacionais das Crianças e Jovens com Transtorno do Espectro Autista**. In: 10 ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES 11 FÓRUM PERMANENTE INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL.
- BELISÁRIO, José Ferreira Filho; CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**. Transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: Ministério da Educação, 2010.
- BRASIL. Lei nº 12.764/12 - **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: Acesso em 15/08/2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil**. Secretaria da Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 maio 2016.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. 3 ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015.
- CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2013.
- CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica** – 2 ed. RJ: ed. Wak, 2015.
- CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti.; OLIVEIRA, Manoel Lima. **O desenvolvimento cultural da criança com autismo**. NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta; Na trilha da inclusão: deficiência, diferença e desigualdade na escola, 2013.
- COELHO, Cristina Massot. Madeira. **Inclusão Escola**. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. (Orgs) **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília 2010.
- GAUDERER, E. Christian. **Autismo e outros atrasos do Desenvolvimento: uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais**. São Paulo: Sarvier, 1985.
- GLAT, Rosana. NOGUEIRA MARIO Lucio de Lima. **Políticas Educacionais e a Formação de professores para a Educação Inclusiva no Brasil**. In: Revista Integração. Brasília: Ministério da Educação Especial, ano 14, n. 24, 2003.

LOPEZ, Juliana Crespo. **A formação de professores para a inclusão escolar de estudantes autistas**: contribuições psicopedagógicas. 2011. Trabalho Final do Curso (Especialização em psicopedagogia clínica e institucional) - Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PED, Brasília, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa. **E. Inclusão social: O que é? Por quê? Como fazer?** (coleção cotidiana escolar). Ed. Moderna, São Paulo, 2003.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **A integração de pessoas com deficiências**. São Paulo Memnon, 1997.

MARTINS, Edna. CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Na trilha da inclusão**: deficiência, diferença e desigualdade na escola. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2017.

MORIÃN, A. Traçando os mesmos caminhos para o desenvolvimento de uma educação inclusiva. Inclusão: **Revista da Educação Especial**, Brasília: Secretaria de Educação Especial, v.s, n.1, p.16-25 jan./ jul. 2010.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7- 32, 1999. Disponível em <
http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html#_ftn1> Acesso em: 21 fevereiro. 2022.

ORRÚ, Silvia Ester. “**Trajetórias, avanços e desafios na concepção e educação de educando com autismo**”. In: ORRÚ, Silva (ORG). **Estudantes com necessidades especiais**: Singulares e desafios na prática pedagógica inclusiva. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover. 14 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011. HOFFMANN, Jussara. O Jogo do Contrário em Avaliação. 7 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.

PEETERS, Theo. **Autismo**: entendimento teórico e intervenção educacional. Theo Peeters, tradutores Viviane Costa de Lean [et AL]. Rio de Janeiro: Cultura Medica 1988, p. 20 – 40.

ROPOLI, Edilene. Aparecida. **A escola comum inclusiva**. Ceará: MEC, 2010. (Coleção A educação especial na perspectiva da inclusão escolar).

SASSAKI, R.K. Inclusão: O paradigma do século 21. Inclusão: **Revista da Educação Especial**, Brasília: Ministério da Educação p.19-23 Out/2005. Disponível em: [http:// portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao.1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao.1.pdf). Acesso em julho / 2022.

SANTOS, Martinha Clarete Dutra; MANTOAN, Maria Tereza Eglér; FIGUEIREDO Rita Vieira. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**. São Paulo: MEC/SEESP, 2009.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, IV, 2013, Brasília, D.F. EnEPQ, Brasília, D. F.: [s.n.], 2013. p.14. Disponível em: Acesso em: 21 fevereiro de 2022.

SILVA, Mirelly Karlla da; BALBINO, Elizete Santos: **A importância da formação do professor frente ao transtorno do espectro autista TEA: estratégias educativas adaptadas**, 2015.



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



APÊNDICE 1 – TERMO DE ANUÊNCIA

COLOCAR NO CABEÇALHO O NOME DA INSTITUIÇÃO (ONDE A PESQUISA SERÁ REALIZADA) E A LOGOMARCA.

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, Debora Sarmento Coura Cardoso, gestora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Medio Dom Moises Coêlho, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: **AUTISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS PROCESSOS DE INCLUSÃO ESCOLAR**, nesta instituição, que será realizada no período de 06/06/2022 a 10/06/2022, tendo como pesquisador(a) responsável(a) o(a) Prof(a). Dr(a) José Rômulo Feitosa Nogueira, orientando(a) Kelly Cristina da Silva Nascimento.

LOCAL E DATA

**NOME COMPLETO DO RESPONSÁVEL PELA INSTITUIÇÃO
ASSINATURA E CARIMBO**



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



APÊNDICE 2 – DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **AUTISMO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS PROCESSOS DE INCLUSÃO ESCOLAR** coordenados pelo professor **JOSÉ RÔMULO FEITOSA NOGUEIRA** e a aluna **KELLY CRISTINA DA SILVA NASCIMENTO**, vinculado a **UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **IDENTIFICAR ASPECTOS DO PROCESSO EDUCACIONAL QUE CONTRIBUEM PARA O ACOMPANHAMENTO DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TEA NA EDUCAÇÃO BÁSICA** e se faz necessário por **POSSIBILITAR CONTRIBUIÇÕES SIGNIFICATIVAS PARA A SOCIEDADE EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DOS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimento(s): **ENTREVISTA**. Os riscos envolvidos com sua participação são: **ESTIGMATIZAÇÃO - DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES, INVASÃO DE PRIVACIDADE, DIVULGAÇÃO DE DADOS CONFIDENCIAIS, INTERFERÊNCIA NA VIDA E NA ROTINA DOS SUJEITOS, EMBARAÇO DE INTERAGIR COM ESTRANHOS, MEDO DE REPERCUSSÕES EVENTUAIS, RISCOS RELACIONADOS À DIVULGAÇÃO DE IMAGEM, QUANDO HOVER FILMAGENS OU REGISTROS FOTOGRÁFICOS**. Os benefícios da pesquisa serão: **CONTRIBUIÇÕES E ABRIR AS DIVERSAS POSSIBILIDADES PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE FORMA SIGNIFICATIVA PARA O PROFESSOR E O EDUCANDO**.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **JOSÉ RÔMULO FEITOSA NOGUEIRA**, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: José Rômulo Feitosa Nogueira

Instituição: UFCG/ CFP

Endereço Profissional: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n - Casas Populares

Horário disponível:

Telefone: (83) 3532-2000

E-mail: zedezefinha6@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo estudo



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



APÊNDICE 3 – ENTREVISTA

ENTREVISTA

Identificação: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Formação:

- Graduação: _____
- Especialização: _____
- Outros: _____

Quantos anos atua como docente? _____

Qual a forma de contratação? _____



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Para você o que é inclusão? E inclusão do autista?
2. Você tem ou já teve algum aluno com autismo?
3. Quais os métodos que você possui para trabalhar com o aluno com autismo?
4. Como você desenvolve as atividades propostas para dentro da sala de aula?
Você procura adaptar essas atividades para os alunos autistas?
5. O que você pretende fazer como educador para atender a necessidade de alunos que possui deficiência?
6. Você se sente preparado (a) para trabalhar com autismo?
7. Você acha que trabalhar com o autismo em sala de aula precisa de uma preparação especial?
8. Como ocorre a avaliação desses alunos?